

## ITINERÁRIO ENTRE SÃO LUÍS E BELÉM EM “UM ROSTO DE MENINA”, DE JOSUÉ MONTELLO

Gabriel Vidinha Corrêa<sup>1</sup>  
Danielle Gomes Mendes<sup>2</sup>  
Márcia Manir Miguel Feitosa<sup>3</sup>

**RESUMO:** Josué Montello é uma das figuras mais consagradas da literatura maranhense, em suas obras reverberam as muitas faces do Maranhão e, em especial, da capital São Luís, cenários de muitos romances, crônicas e diários de sua vasta produção. Este trabalho tem por objetivo analisar sob o viés do espaço a novela “Um rosto de menina” (1983), que narra a experiência de um jovem, quando de sua mudança de São Luís para Belém, com o propósito de cursar a faculdade, fato que condiciona ao jovem uma série de experiências inusitadas, por não estar mais em sua terra natal. Sua estadia em uma pensão, e posteriormente, em uma casa de família, será o foco de nosso de nossa análise, atentando-nos aos sentimentos que o ele postula ao Espaço, muitas vezes, rememorando sua casa e a capital São Luís. As dualidades entre esses dois espaços encontram explicação a partir dos pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, que forma nosso aporte teórico sobre a expressão do Espaço, do Lugar e de fenômenos relacionados, tais como: Espaciosidade, Apinhamento e Pertencimento. Como principais teóricos para essa abordagem, utilizaremos os trabalhos de Dardel (2015), Tuan (2012, 2013), Relph (2014), Bacherlard (2008) e Feitosa (2012).

**Palavras-chave:** São Luís; Belém; Espaço; Lugar; Josué Montello.

**ABSTRACT:** Josué Montello is one of the most famous figures of Maranhão literature, in his works reverberate the many faces of Maranhão and, especially, the capital of São Luís, scenarios of many novels, chronicles and diaries of his vast production. This work aims to analyze under the space bias the novel “Um rosto de menina” (1983), which narrates the experience of a young man, when he moved from São Luís to Belém, with the aim of attending a college, a fact that It conditions the young woman a series of unusual experiences because she is no longer in her homeland. His stay in a pension and later in a homestay will be the focus of our analysis, paying

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal Baiano - Campus Valença. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (bolsista CAPES), com graduação em Letras-Libras pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. É integrante do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - Geplit/UFMA.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (2018), com bolsa CAPES. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - PGCult da Universidade Federal do Maranhão. É integrando do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - Geplit/UFMA

<sup>3</sup> Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (1984), com Mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1992) e Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1997). Pós-Doutora com bolsa CAPES, pelo Programa Ciência sem Fronteiras, em Estudos Comparatistas na Universidade de Lisboa, sob a supervisão da Profa. Helena Carvalhão Buescu. Bolsista de Produtividade do CNPq. Docente permanente dos Programas de Mestrado em Letras, Linha de Pesquisa: Estudos Teóricos e Críticos em Literatura e em Cultura e Sociedade da UFMA, Linha de Pesquisa: Expressões e Processos Socioculturais. Líder do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - GEPLIT. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos da Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Outras Literaturas Vernáculas, atuando, sobretudo, nos seguintes temas: literatura e paisagem, literatura portuguesa e africana de língua portuguesa, cultura, identidade, memória e exílio

attention to the feelings he postulates in space, often reminding him of his home and the capital of São Luís. explanations are based on the assumptions of Humanistic Cultural Geography, based on phenomenology, which forms our theoretical basis on the expression of Space, Place and related phenomena, such as: Spaciousness, Crowding and Belonging. As main theorists of this approach, we will use the works of Dardel (2015), Tuan (2012, 2013), Relph (2014), Bachelard (2008) and Feitosa (2012).

**Keywords:** São Luís; Belém; Space; Place; Josué Montello.

## INTRODUÇÃO

A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falível. [...] Às recordações que jazem dentro de nós não são gravadas em pedra; não só têm a tendência para se apagarem com os anos, como também é frequente modificarem-se, ou inclusivamente aumentarem, incorporando delineamentos estranhos.

(Primo Levi - *Os que sucumbem e os que salvam*)

Josué Montello é notadamente um dos mais reconhecido escritores da literatura maranhense, sua obra figura em cenários, sobretudo, maranhenses, as belas e também inusitadas experiências do homem, tornando muitas leituras possíveis sobre a sua obra, por ser um escritor moderno, versátil e de grande sabedoria da arte literária. No entanto, o que chama a atenção em sua produção é a relação que estabelece com o Espaço que, para além da estrutura da narrativa, ganham novas formas, algumas vezes se tornando personagem, outras o centro do enredo e fator de existência dos personagens. Assim, a terra natal, a cidade, o bairro, a casa, e outros lugares e paisagens, ganham notoriedade nos romances, novelas, contos e diários que formam o seu cânone. Seus romances mais conhecidos são: *Janelas Fechadas* (1941), *Cais da sagração* (1971), *Os tambores de São Luís* e *Noite sobre Alcântara* (1978), sua produção romanesca detém 26 romances publicados. No entanto, elegemos para este artigo, uma análise da novela “Um rosto de menina” (1983), dando enfoque à figuração do Espaço e à expressão da geograficidade, perpassando pelos sentimentos de Espaciosidade, Apinhamento e pertencimento pela qual o personagem principal elucidada na trama. Tomaremos como aporte teórico os estudos da Geografia Humanista Cultural (GHC), de base fenomenológica, juntamente com os Estudos Literários, a fim de compreender as relações humanas com o espaço no universo do texto literário. Tendo como principais teóricos Tuan (2012, 2013), Dardel (2015), Relph (2014), Feitosa (2012) e Bachelard (2008). Sendo, portanto, um trabalho de ênfase interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia.

## **LITERATURA E GEOGRAFIA: uma abordagem interdisciplinar sobre a obra de Josué Montello**

Os trabalhos que temos sobre a relação entre a Literatura e a Geografia não são recentes, no entanto, atualmente muitos olhares estão sendo voltados para essa vertente, a exemplo temos a publicação do livro *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos* (2010), organizado por Ida Alves e Márcia Manir Miguel Feitosa, que traz em seu conteúdo análises de textos literários sob o prisma espacial, perspectivando sobre as figurações na prosa e na poesia. Feitosa, Moraes e Costa, no artigo intitulado “O entrelaçamento de fios entre a geografia e a literatura: a construção de um saber múltiplo”, publicado em 2012, pela revista *NUPEM*, falam da importante contribuição para os estudos literários da interrelação com os pressupostos geográficos nesses novos tempos acadêmicos quando:

[...] surge a oportunidade do diálogo entre campos de conhecimento afins que intentam buscar respostas a questionamentos dos novos tempos, que se encontram em constante renovação, numa amostra da eterna continuidade e mutação dos saberes. Assim, é de nosso interesse lançar um olhar mais holístico e crítico em torno das relações entre as diversas disciplinas para que, dessa maneira, duas ou mais grandes áreas de conhecimento possam se complementar e ser capazes de gerar novas discussões, abrindo espaço para a criação de novos paradigmas e novas perspectivas teóricas antes sequer pensadas, em um inesgotável jogo dialético. (FEITOSA; MORAES; COSTA, 2012, p. 185)

Assim, é oportunizado a discussão em torno de duas áreas do saber que andam juntas desde os tempos mais remotos, a exemplo, na antiguidade clássica, os feitos homéricos na *Iliada* estiveram atrelados ao espaço e a literatura: a oralidade e, posteriormente, a escrita, narraram as lutas entre heróis e deuses em um lugar geograficamente situado - Tróia, lugar que serviu de inspiração para muitos escritores na história da literatura. Nesse contexto, afirmamos que com o texto literário é possível compreender as relações humanas com o lugar, arraigado de sentimentos e simbologias, pelo fato de um dos poderes da literatura ser a representação (BARTHES, 2007). Essas colocações coadunam como o pensamento de Massaud Moisés em *A criação literária: poesia e prosa* (2012, p. 28), quando:

[...] a Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os seres humanos: convicta de ser acionada por uma “missão”, ela colabora para o desvendamento daquilo que todos nós, consciente ou não, perseguimos durante a existência. E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço persistente de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar de relevo, como ficção expressa por vocábulos polivalentes.

Nesses meandros, buscaremos o aporte da Geografia Humanista Cultural, para entendermos os espaços na literatura de Josué Montello. Essa é uma vertente da ciência geográfica que se dedica ao estudo dos sentimentos que o homem postula sobre o espaço. De abordagem fenomenológica, ela se debruça sobre o mundo vivido, cujas experiências tomam centralidade, diferindo-se da geografia clássica e positivista, na qual os aspectos físicos se sobressaíam sobre os demais. Sobre essa perspectiva o arquiteto Werther Holzer, esclarece:

A preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere, essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos "espaço". (HOLZER, 1999, p. 70)

É importante observar que essa abordagem visa compreender o mundo a partir das relações pessoais com a natureza, ou seja, pelo comportamento geográfico. E por tratar das relações individuais dos seres humanos, a GHC incorpora à sua tese o aporte filosófico da fenomenologia, pressuposto fundamental por interrelacionar as experiências humanas à percepção, o que estar muito próximo também das análises literárias, dada a subjetividade com a qual a literatura zela, como abordam Silva, Feitosa e Moraes no artigo “A pesquisa interdisciplinar em estudos de paisagem: intersecções fenomenológicas entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural no âmbito do GEPLIT” (2018, p. 233):

A análise literária do espaço/lugar, pela perspectiva da fenomenologia, implica investigar os fenômenos inscritos nas vivências cotidianas dos indivíduos em seus espaços de vida/circulação representados na literatura. Esse é um dos caminhos de articulação entre o conteúdo teórico construído pela geografia e a visibilidade da subjetividade que a literatura oferece por meio da ficcionalização desses fenômenos, estabelecendo, assim, a relação

entre o sujeito, o mundo e a palavra em uma perspectiva de confluência e de entrelaçamento.

Assim, Literatura e Geografia, por aproximar mundos vividos, refletem sobre a formação da intersubjetividade do homem, a memória e a identidade, e suas ligações com os fenômenos que envolvem a paisagem, o espaço e o lugar, possibilitando discussões acerca da ciência e da realidade literária. E isso é possível, pois “tal realidade se apresenta para o homem como uma forma de se reconhecer no mundo através de suas experiências, reportando-se, assim, aos lugares que auxiliam na constituição de sua identidade” (FEITOSA; MORAIS; COSTA, 2012, p. 185). O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, um dos fundadores da Geografia Humanista Cultural, reconhece, em sua obra *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013), a importância da literatura para a compreensão dos sentimentos sobre o lugar: “Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar [...] a arte literária chama a atenção para as áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas” (TUAN, 2013, p. 200). Tuan, teoriza sobre alguns conceitos e fenômenos importantes para nossa análise, quais sejam: Espaço e Lugar. Segundo ele:

“Espaço” e “Lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. [...] O lugar é segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. (TUAN, 2013, p. 11)

O lugar é, pois, a essência de maior segurança que podemos ter e cada pessoa vivencia o lugar de forma diferente, pois os sentimentos colocados a ele partem da subjetividade, logo cada ser concebe um lugar a partir da sua experiência íntima com ele. O resultado desse vínculo Tuan denomina de Topofilia, que é “um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.” (TUAN, 2012, p. 135). Dada a contribuição sobre o espírito topofílico para a Geografia Humanista Cultural, um termo surge em oposição a esse conceito: a expressão da Topofobia, a forte aversão ao lugar. Esses conceitos serão bastante recorrentes para entendermos os sentimentos alçados à cidade na novela de Montello. Outro importante nome da GHC é o geógrafo Eric Dardel, que com incursões também fenomenológicas, aproxima a geografia ao mundo vivido, condicionando, portanto, a vida

do homem à realidade geográfica. Em sua obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (2015), Dardel elege a Terra como o meio de maior essência da vida e da existência humana por meio do que ele chama de geograficidade:

Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (DARDEL, 2015, p. 31, grifo do autor).

Assim, a Geografia Humanista Cultura, apresenta muitos elementos para compreendermos e desvelarmos a obra de Josué Montello que, inscreve em seus textos muito sobre as relações do homem com o meio, temáticas centrais de sua produção literária. Ele próprio afirma que sua visão e sentimento sobre a cidade de São Luís, o impulsiona a escrever sobre o lugar:

São Luís pulsa e se derrama na essência de meus romances. De onde concluo que não fui eu apenas, com a minha língua materna, que escrevi [...] foi também minha terra que os escreveu comigo, com seus tipos, com seus sobrados, com suas ruas estreitas, com suas ladeiras, com a luz inconfundível que se desfaz ao fim da tarde sobre seus mirantes, seus telhados, seus campanários, na Praia Grande, no Desterro, no Largo do Carmo, no Cais da Sagração. (MONTELLO, 1998, p.1041 *apud* ZANELA, 2009, p. 32)

A partir da experiência topofílica com a cidade, Montello inunda sua estética das representações do espaço em suas mais variadas nuances e performances. Para Agda Zanela (2009, p. 27): “O primeiro traço que marca a obra montelliana é a ligação com a terra natal, São Luís, espaço preferencial de seus romances, ao qual procura transpor o meramente regional para retratar o universal na complexidade das relações humanas”, características que incidem nos demais gêneros na qual o autor produziu. Percebemos, portanto, como é importante a figuração do espaço na obra montelliana, que materializa os fenômenos que envolvem a experiência dos personagens, além de manejar o tempo da narrativa nas trilhas do passado e do presente para dá enfoque ao espaço. No texto intitulado “São Luís do Maranhão sob a lente de Josué Montello: lugar, exílio, memória”, publicado na plataforma digital *Páginas em movimento*, Márcia Manir Miguel Feitosa e

Vanessa Soeiro Carneiro tecem algumas considerações sobre a produção literária de Josué Montello, quando da sua relação com os fenômenos espaciais:

Uma das características mais contundentes que giram em torno da figura de **Josué Montello** diz respeito à sua devoção à terra natal: São Luís do Maranhão. Isso porque grande parte do cenário de quase toda sua obra ficcional tem na capital maranhense seu foco por excelência, haja vista a obra-prima ***Os tambores de São Luís***, publicada em 1971 e ***Os degraus do paraíso***, seis anos antes, em 1965. Pelo artifício da memória, sua produção literária envereda pela história, pelas tradições, pelos costumes, pela identidade do Maranhão, estampada na fusão entre o mítico, o histórico e o ficcional. (FEITOSA; CARNEIRO, 2018, *on-line*, grifos das autoras)<sup>4</sup>

Entendemos, assim, que a obra de Montello está imbuída das experiências humanas sob uma ficcionalidade que possui a memória e a história, e, sobretudo, o espaço. E, a partir desses elementos podemos entender o mundo que gira em torno de suas narrativas: os sentimentos de afeição, aversão, pertencimento, privação entre outros que se relacionam com o espaço, analisados por meio da percepção.

### **A GEOGRAFICIDADE EM “UM ROSTO DE MENINA”**

A novela “Um rosto de menina” dá título ao livro de Josué Montello (1983), que reúne 14 narrativas novelísticas e de contos, dentre eles: “Uma Tarde, Outra Tarde”, “O Noivo”, “O Velho Diplomata” e “O Monstro”.

“Um rosto de menina” narra a experiência de um jovem que se muda da capital São Luís para Belém, com o propósito de cursar a faculdade. Belém para o protagonista é uma cidade de poucos conhecidos e que gera alguns sentimentos de descontentamento. A saída que encontra para se sentir bem na cidade é encontrar um lugar que, pelo viés da memória, consiga remontar sua casa e sua terra natal. A voz narrativa se encontra sob a forma autodiegética, na qual o personagem principal, conta sua passagem em uma pensão cujos maiores números de hóspedes são universitários, e, posteriormente muda-se para uma casa de família na qual tinha recebido recomendação. O tempo da narrativa oscila constantemente entre o passado e o presente, percebemos, assim, o lugar da memória

---

<sup>4</sup> Plataforma digital *Páginas Luso-Brasileiras em Movimento*, projeto do Real Gabinete Português de Leitura, coordenado pela Profa. Dra. Ida Alves (UFF): <http://www.paginasmovimento.com.br/index.html>.

servindo para artefato para o início da trama. A novela começa não no tempo presente da narrativa, o narrador pela trilha da memória inicia:

Desde ontem à tarde estou em meu novo domicílio. Pensei que ia sentir falta do ambiente da pensão, sobretudo da companhia do Leonel, que dividia comigo o quarto da frente, à direita do sobrado. Na verdade, só estranhei até agora o silêncio da casa – uma velha casa de família, que lembra muito a meia-morada que deixei em São Luís, cenário sempre lembrado de minha infância e juventude, como a mesma sala de visitas, a mesma alcova, a mesma sala de jantar, dois quartos de correr, banheiro, cozinha ampla, e ainda uma nesga de quintal cimentado, com um tanque de lavar, um limoeiro e um banco de pedra.

[...] O que mais me agradou, no mobiliário antigo e bem cuidado, foi esta secretária de cedro, com espaço bastante para os dicionários, o bloco de papel e o tinteiro. Também gostei da alta estante envidraçada, com cinco prateleiras para os livros. (MONTELLO, 1983, p. 11).

Percebemos que a descrição que o personagem faz do lugar muito tem a ver com sua casa e sua infância, isso porque “[...] para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós” (BACHELARD, 2008, p. 33), o que permite ao jovem encontrar afeição com a casa de seus anfitriões: D. Jaci, o Professor Floriano e sua filha Clô. Com o passar dos acontecimentos entenderemos os motivos pelas quais se descortina a mudança para essa casa. É digno observar também como o narrador descreve as localidades e a disposição dos objetos da casa, encontramos explicação nas palavras de Tuan (2013, p. 28), pois: “[...] Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances. Preocupar-se com eles mesmo momentaneamente é reconhecer a sua realidade e valor”, isso explica os graus de experiências que está estabelecendo com casa, possibilitando lembranças importantes.

A partir desse momento, observaremos como o jovem resgata sua estadia na pensão de Madame Margô e os sentimentos que reverbera sob ela. A pensão foi o primeiro lugar que o jovem universitário se fixou, no entanto, as coisas mudam com as inúmeras visitas à casa de D. Jaci e do Professor Floriano, cuja amizade se desenvolveu por intermédio da irmã do professor que residia em São Luís – Maranhão. O universitário confessa seu desconforto a seu colega de quarto Leonel: “Uma noite, depois de permanecer bom tempo à janela da praça, à espreita do momento em que o incauto cairia nas unhas do Coronel, avisei o Leonel: - Estou para sair daqui. A pensão já me cansou”. (MONTELLO, 1983, p. 18).



Uma série de fatores contribuem para que o jovem não permaneça na pensão, sobretudo, devido às situações de privação que o impossibilita de criar laços e sentimentos de tranquilidade com o espaço. Tuan (2013, p. 78) chama essas experiências de Apinhamento: “[...] A companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade.” Esse fenômeno de materializa, devido ao barulho do rádio do quarto vizinho, o incômodo com as insinuações de Selminha (afilhada de Madame Margô), e, como as aulas ainda não haviam começado, ela permanecia ali quase que integralmente, algumas vezes cansado das leituras de romances, saía pela Belém: na orla do cais ou no Ver-o-Peso:

E tudo ali só fazia acentuar em mim, com o passar das semanas vagarosas, a nostalgia de minha casa.

Parecia-me que cada um de nós, ali na pensão, representava um papel. Nada era natural, mesmo o nosso pijama e nosso chinelo. Faltava-me o à-vontade do ambiente caseiro, em meio à disciplina de internato que tem toda pensão. Por outro lado, sentia-me espionado pela Selminha que, a cada momento, quando eu estava só, apertava as nádegas no vão da porta, atirando-me indagações tolas. (MONTELLO, 1983, p. 20)

Vemos, portanto, o desconforto que é viver na pensão compartilhando o mesmo ambiente que os demais personagens. Essa ausência do “à-vontade”, é compreendida pelo fato de a Lugaridade, como propõe Relph (2014), que são as qualidades que transparecem em um lugar estar na pensão de forma fraca, pois os sujeitos ali não vivem em harmonia, princípio que permitiria sentir as qualidades que talvez possuísse, do contrário, as vivências de apinhamento, a torna um lugar-sem-lugaridade. Quando do momento oportuno, o jovem muda-se para a casa de D. Jaci e do Professor, como no início da novela, a exaltação à casa de seus anfitriões continua, vê ali a possibilidade de viver tal qual em São Luís, e descreve a sensação de estar livre. Sensação denominada de espaciosidade por Tuan, que “[...] está intimamente associada com a sensação de estar livre” (TUAN, 2013, p. 70), algo visível na fala do personagem:

Agora, aqui estou, longe do Coronel Elesbão, livre dos olhos oferecidos de Selminha, fora do alcance do taque-taque obsessivo do aparelho de rádio do Dr. Albino. É certo que não tenho as duas janelas abertas sobre a praça e que me dava a viração da noite a algazarra das crianças e o recorte de duas árvores esgalhadas. Mas sinto que reatei, nesse novo domicílio, os perdidos elos sentimentais de minha infância e juventude, ao me ver numa velha casa que repete a casa onde me criei. (MONTELLO, 1983, p. 21).

É bem observado os sentimentos topofílicos que ele desenvolve com o lugar, trazendo à tona as memórias de sua casa, isso porque “[...] os espaços amados nem sempre querem ficar fechados! Eles se desdobram. Parece que se transportam facilmente para outros lugares, para outros tempos [...]” (BACHELARD, 2008, p. 68). As imagens da sua casa natal são figuradas na casa em Belém e os sentimentos de pertencimento o ajudam a preencher sua vida vazia. A realidade geográfica, no sentido da existência humana para Dardel (2015, p. 34) remonta, “[...] os lugares de infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou sua rua, o seu bairro, seus desdobramentos cotidianos através da cidade”. Vemos, pois, claramente, esses fatores se materializando na narrativa, quando D. Jaci orienta o jovem nos novos aposentos:

Tomou-me pelo braço, entrou pelo corredor que ia ter à sala, e mostrou-me o quarto amplo, pegado ao banheiro – o mesmo onde me encontrou há quase um mês e que me deu a sensação de que, em Belém, eu havia repentinamente voltado à minha casa de São Luís.

Realmente lá eu tinha um quarto parecido com este, abrindo também para o corredor estreito que me levava à sala de jantar, e onde instalara a minha mesa de trabalho, por sinal feita por mim, com tábuas de caixote, sem polimento, encimada pela prateleira dos primeiros livros, um tinteirinho de ferro e embutido na madeira.

Na paz e no conforto que ora tenho, punge-me apenas ódio tenaz e inexplicável da Clô, que não consegui sequer atenuar. (MONTELLO, 1983, p. 21).

Em meio a toda realização do jovem de estar em um lugar aconchegante, urge ainda uma tensão maior que gira em torno da figura de Clô, filha pequena de D. Jaci, que desde o primeiro encontro com o universitário demonstrou aversão ao rapaz. A figura emblemática de Clô será responsável em tirar o sossego do jovem em sua nova residência, configurando, assim, em mais uma forma de apinhamento: “De início recusou-se a sentar à mesa comigo. Foi preciso que o pai interviesse com energia. Na primeira vez, permaneceu o tempo todo chorando; depois, reprimiu as lágrimas, substituídas pela mudez absoluta.” (MONTELLO, 1983, p. 22). Dividindo o mesmo espaço com Clô, se sente privado de transitar livremente pela casa, pensa em ir embora, mas desiste logo, pelo fato não abrir mão de viver em um lugar que lhe faz bem. Logo o apinhamento foi cessado quando da volta às aulas de Clô e, pode, assim, experienciar o oposto – espaciosidade, conceito apresentado anteriormente:

Desse modo, durante toda a tarde eu podia mover-me à vontade dentro de casa, sem receio de dar de chofre com a repulsa da Clô. Aproveitava para ir à sala de visitas, conversava com o Professor Floriano, saía ao quintal, sentava-me no banco de pedra à sombra do limoeiro, refestelava-me na cadeira de balanço, lia os jornais. D. Jaci, daí a pouco, vinha com seu cesto de costuras, ocupava a outra cadeira, e falava-me de sua vida, de seus problemas, de suas amarguras. (MONTELLO, 1983, p. 22)

A espaciosidade do jovem se manifesta a partir da ausência de Clô. A figura da menina e sua expressão enfezada – que constantemente a acompanha quando na presença do estudante – é o único empecilho responsável por roubar a sensação de paz e bem-estar que o homem sente naquela casa. Entretanto, à medida que o personagem constrói laços de apego com aquele espaço, a casa de seus anfitriões parece rememorar cada vez mais a imagem de sua própria casa maranhense, passando a ser um lugar de significados, pois “[...] um lugar “reúne” ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata [...]” (RELPH, 2014, p. 22). Dessa maneira, o jovem experiencia uma singular intimidade com aquele lugar: “[...] comecei a preferir a solidão de meu quarto, nas horas calmas da tarde. Lia e sonhava. De vez em quando dava impulso à rede. E foi assim que li boa parte das obras de Balzac, sem perceber que eu próprio me transformava em personagem de romance.” (MONTELLO, 1983, p. 23). Esse lugar íntimo estabelecido pode ser notado quando o moço atribui uma identidade de pertença ao quarto, o considerando como seu e não mais em uma totalidade pertencente aos donos da casa. Quando o estudante se percebe como “personagem de romance”, a narrativa ganha novos direcionamentos. Sem prelúdios, somos surpreendidos com mais uma mudança do protagonista. Suas novas instalações são descritas com hostilidade e alguma ojeriza:

Volto a escrever estas linhas, não do quarto amplo, guarnecido, em casa do Professor Floriano, mas num quarto de fundos, que abre um quintal lóbrego e onde só tenho o espaço para a minha rede e esta mesa de pinho. Entra-me pela janela basculante, que é meu único respiradouro neste cubículo, um cheiro, ativo de cozinha, e cozinha localizada exatamente debaixo do meu quarto. Tenho a impressão de que minha roupa, eu, meus livros, meus sapatos, tudo se impregnou deste odor acre de cebola, repolho e refogado. Evidentemente não permanecer aqui senão por dois ou três dias. (MOTELLO, 1983, p. 23)

A esse novo espaço ele não expressa qualquer apego e sequer faz planos de permanência, pelo contrário, sua estadia é assertivamente marcada pela brevidade.

Entretanto, os motivos que o levaram à mudança repentina para longe da casa de D. Jaci não é imediatamente revelado, somente após a indagação de um dos amigos que o visita na nova pensão:

Afinal de contas o que foi que se passou contigo?

[...]

- Já sei: não agüentaste o Professor Floriano, hemiplégico, irascível, com outro homem dentro de casa a testemunhar-lhe a miséria física, e obrigado ainda por cima a passar o dia inteiro numa cadeira, ele não podia te ver ali com bons olhos. (MONTELLO, 1983, p. 23-24).

A conjectura do amigo pareceu a justificativa perfeita para enfim encerrar o assunto, mas o estudante confessa que “[...] a verdade é bem outra, na sua brutalidade chocante, e a cena agora me punge, oprime e desorienta, como se acabasse de acabado de acontecer.” (MONTELLO, 1983, p. 24). Mais uma vez por meio da memória ele nos leva ao passado, à semana anterior, a fim de revelar o verdadeiro acontecido que resultou em sua mudança da casa do Professor Floriano:

E eu ali no quarto, na sensação de que um lume estranho me queimava por dentro, atordoando-me. [...]. Separado de D. Jaci por uma porta de madeira aberta no alto e que uma frágil lingüenta de metal fechava, eu me voltara para lá e ia imaginando o corpo moreno que se despia [...]”. (MONTELLO, 1983, p. 25).

O jovem nunca escondera a satisfação de receber os cuidados de D. Jaci, mas essa relação, até então maternal, se esfacela e no lugar de gratidão surge outros sentimentos coibidos que o levam a desejá-la com intensa volúpia. Apesar do rapaz travado por um breve instante uma luta com a razão, quando a mulher entrou em seu quarto vestida somente em roupas mais íntimas foi finalmente vencido pela lasciva que já o dominava:

Olhei-a nos olhos, e senti que o lume de suas pupilas se casava com o meu, numa concordância que estava acima de nossas vontades. Mas foi ela que veio a mim, submissa e oferecida. O laço frouxo do penhoar, que desfiz com os dedos lúbricos, ajudou-me a despi-la, sem lhe tirar de todo a roupa. [...]. O corpo a entranhar-me no meu, fremente, aflita, sequiosa, possuída pela exaltação da entrega total. (MONTELLO, 1983, p. 25-26)

Rendido, portanto, pelo desejo, o moço entregou-se à mulher ali no mesmo quarto em que outrora fora recebido como um filho pelo casal de amigos de sua cuidadora, mas o

mesmo rosto feroz que sempre esteve a sua espreita repousou na janela testemunhando o ato ilícito dos dois amantes:

Voltei-me para a janela, contagiado pelo medo, e vi o rosto de ódio da menina na moldura da esquadria, enquanto suas mãos iradas seguravam a tesoura, arremessando-a em minha direção. Não tive tempo de desviar-me. A ponta aguda rompeu-me o ombro e foi precipitar-se no vidro da estante, que se partiu e estilhaçou-se [...]. (MONTELLO, p. 1983, p. 26).

Revelado, enfim, os fatídicos acontecimentos, a narrativa volta ao tempo presente, quando o jovem homem rememora: “[...] depois de tudo, estou aqui, neste quarto imundo” (MONTELLO, 1983, p. 26), em que segue atormentado por suas lembranças igualmente sujas, tal qual o quarto em que está. Relph (2012, p. 26) declara que, “[...] é igualmente importante compreender que é por meio de lugares que indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo, e que essa relação tem potencial para ser profundamente responsável e transformadora”. A experiência em cada espaço vivido, cada morada em que se instalou, ressignificou a forma do jovem estudante em perceber o mundo, seu sentido de lugar, e, principalmente, a si mesmo. Se, em outros momentos, ele se identificou com personagem de romances, após dar azo às suas emoções proibidas, passou-se a ver como um vil pecador, “[...] como Adão se escondendo da face do Senhor, quando reconheceu que havia pecado” (MONTELLO, 1983, p. 26). Atormentado por lembranças e, principalmente, pela imagem perturbadora da principal testemunha do seu erro,

Cerro os olhos, amparo a cabeça nas mãos, sabendo que nunca deixarei de ver o mesmo rosto de menina, com as duas tranças compridas que lhe descem pelos ombros. Estará sempre ali, mesmo que a janela seja outra, e ainda que não haja uma janela. (MONTELLO, 1983, p. 26).

E como um preço a ser pago, o rosto da menina estaria para sempre estampado na janela de sua memória lembrando-o do seu pecado mais condenável, transformando sempre seus espaços íntimos no lugar de suplício, de julgamentos e culpas por um dia ter tomado em desejo a mulher de outro homem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências do jovem estudante da narrativa montelliana trazem à baila a estreita relação que os homens estabelecem com o espaço, sobretudo, os lugares íntimos imbricados de sentimentos, tal qual nas predicções de Tuan (2013), quando aponta os lugares de nossos maiores afeto e aconchego. Essa análise nos permitiu perceber a geograficidade do personagem protagonista em suas experiências em uma nova cidade que em nenhum momento suplanta seu apego à terra natal, pois apesar de insuflado de uma certa ansiedade em viver o desabrochar da juventude em aventuras púberes junto aos amigos na cidade de Belém, o moço ludovicense possui profundos laços topofílicos tanto com a capital São Luís, quanto com a casa em que cresceu. Apegado às lembranças do seio familiar, observamos que é por meio da memória que ele parecia tentar ressignificar cada nova moradia em que se instalava na cidade de Belém, sendo esse o principal motivo que o levou à casa do Professor e de D. Jaci, isto é, a busca pela sensação de lar e familiaridade.

Entretanto, as experiências vivenciadas nesses novos espaços serviram também para transformá-lo, assim sendo, tanto sentimentos quanto à espacialidade vinham constantemente à tona, a depender de onde e com quem estava: ora sentia-se livre em plenitude, acolhido, ora apinhado, desconfortável. As reverberações quanto ao espaço aliadas às reminiscências da memória, direcionam todo o testemunho que tece a trama, porquanto à medida que muda de casa, o interior do personagem também se transforma, um incipiente estudante de medicina, permeado de emoções juvenis culmina-se em um homem atormentado pelo julgamento de um erro irreparável e pela culpa figurada na imagem do rosto da menina Clô.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: a natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel; MORAES, Cláudia Leticia Gonçalves; COSTA, Janete de Jesus Serra. O entrelaçamento de fios entre a Geografia e a Literatura: a construção de um saber múltiplo. **Revista NUPEM (Online)**, v. 4, p. 185-193, 2012.

HOLZER, Werther. O Lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poesia e prosa. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTELLO, Josué. **Um rosto de menina**. São Paulo: Difel, 1983.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SILVA, Rosângela Guedêlha da; FEITOSA, Márcia Manir Miguel; MORAES, Claudia Letícia Gonçalves. A pesquisa interdisciplinar em estudos de paisagem: intersecções fenomenológicas entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural no âmbito do GEPLIT. **Revista Cadernos de Pesquisa**., São Luís, v. 25, n. 4, out./dez. 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

ZANELA, Agda Adriana. **A epopéia maranhense de Josué Montello**: desvendando a poética montelliana em quatro romances. Tese de doutorado (Estudos Literários), São Paulo: UNESP, 2009.